



Comunidade terapêutica para famílias com crianças com deficiência¹

Embora exista uma movimentação em direção contrária, em geral a sociedade tem, para com as Pessoas com Deficiência (**PcD**), uma atitude de exclusão. Muitas vezes, ela é vista apenas a partir de sua deficiência e não da sua condição de pessoa. É uma criança, como as outras, que precisa de proteção e cuidado, mas também de espaço e autonomia para se desenvolver com tal. Para a pessoa ser incluída em uma determinada situação, ela precisa não só ser aceita, mas também querer fazer parte e sentir-se parte. Este sentir-se parte, certamente, se constrói desde a infância, quando a criança sente-se parte da família e é estimulada a ocupar seu espaço no mundo, mesmo com suas limitações. A igreja é um espaço propício para construção do processo de inclusão; a própria atuação de Jesus com as pessoas com deficiência nos dá a fundamentação para tal e os espaços celebrativos são instrumentos efetivos de cura e inclusão.

Igreja: um espaço terapêutico

A presença de uma criança com deficiência na família é, num primeiro momento, impactante. Mexe com uma gama muito grande de sentimentos: perda, negação, depressão, culpa, medo, vergonha, solidão, sonho realizado pela metade. Talvez, ainda que não se possa hierarquizar-los, os sentimentos de perda, de solidão e de culpa sejam os mais atroz. Em cada fase da vida da criança, os sentimentos se modificam, dão lugar a outro, tornam a voltar. Tudo isso exige esforço muito grande para superar e continuar vivendo.

Passado o primeiro impacto, inicia-se a busca por melhor qualidade de vida. Para algumas famílias, é uma busca de superação ou eliminação da deficiência, o que na realidade não acontece. A família, como primeiro espaço social do ser humano, inicia o processo de inclusão que vai sendo expandido paulatinamente, extrapolando seus limites. Em geral, o maior envolvimento com o cuidado e a busca de atendimentos para o filho/a recai sobre a mãe, acarretando uma sobrecarga à mulher-mãe.

A atuação de Jesus com as pessoas com deficiência nos permite apontar o fundamento para uma pastoral em situação de deficiência. Nos relatos de Seus encontros com, há a ênfase na devolução da dignidade de vida; Jesus as acolhe, é solidário com elas, coloca-as no convívio social e respeita-as nas suas potencialidades. (João 5.6-7; João 9.1; Lucas 18.35,40; Marcos 8.23; Marcos 8.46-47; João 9.9; João 5.14; Lucas 17.14; João 9.3; João 5.8-9; João 9.7)

(...) o projeto de Jesus e de seu movimento consistia basicamente em tentar restaurar a plena humanidade, sobretudo daqueles que dela tinham sido privados pelos mecanismos de exploração legitimados pela ideologia religiosa. (GEBARA, 1994: 72)

¹ Vera Lucia Machado Prates da Silva, pastora da Igreja Metodista. Texto extraído da revista Bem-te-vi Crescer 2015/2. Produzida pelo Departamento da Escola Dominical, São Paulo: Angular Editora, 2015.



Jesus, também, estende os laços familiares para o círculo da igreja, o que é muito saudável, já que a relação da criança com deficiência, em geral, se dá apenas com a mãe. A realidade vivida pela Criança com Deficiência (**CcD**) e sua mãe aponta para a necessidade de maior abrangência de relações que poderiam ajudá-las a superar a dependência. Os Evangelhos registram palavras de Jesus que ampliam a relação familiar para além dos limites da consanguinidade. No evangelho de Marcos, assim como no de Mateus, Jesus estende os laços familiares àqueles e àquelas que fazem a vontade de Deus (Mateus 12.48-50). Em Lucas, por sua vez, a família de Jesus é apresentada como aqueles e aquelas que ouvem e praticam a palavra de Deus (Lucas 8.21).

Diante da expressão de Jesus, registrada nos Evangelhos, qual é a vontade do Pai? A Igreja Metodista afirma que:

O propósito de Deus é reconciliar consigo mesmo o ser humano, libertando-o de todas as coisas que o escravizam, concedendo-lhe uma **nova vida à imagem de Jesus Cristo**, através da ação e do poder do Espírito Santo, a fim de que, como Igreja, constitua, neste mundo e neste momento histórico, sinais concretos do Reino de Deus.²

Isto nos aponta para a comunidade cristã que quer ser sinal do Reino de Deus no mundo. Para ser sinal, é preciso ouvir e praticar a Palavra de Deus e assim cumprir a Sua vontade. Esta comunidade torna-se a família de Jesus e tem em Sua vida e ação o fundamento para sua própria ação no mundo.

Para a família que vive a situação da deficiência, a participação e o apoio de uma comunidade não só é necessário para o fortalecimento da fé, mas também para o reconhecimento verdadeiro do seu desafio, em especial o das mães, e a divisão de responsabilidades. A comunidade pode ser espaço onde chorar as perdas; para isso, precisa ser solidária, ajudar a aliviar a carga, lutar por melhor qualidade de vida; ser um ambiente de constante reflexão; ser celebrativa e comprometida.

É preciso que o pastor ou pastora tenha consciência dessa realidade e ajude a comunidade a também percebê-la. Não podemos ser ingênuos e pensar que, por se tratar de uma comunidade cristã, a igreja seja consciente de tudo isto e atue nesta direção. A atuação pastoral com a **CcD** precisa levar em conta os elementos envolvidos nesta realidade, para que se torne um processo libertador para a criança, para a mãe e toda a família, ajudando, assim, que a criança seja respeitada nas suas limitações e valorizada em suas potencialidades.

² COLÉGIO EPISCOPAL DA IGREJA METODISTA. *Plano para a Vida e a Missão da Igreja*. São Paulo: Imprensa Metodista, Biblioteca Vida e Missão: Documento nº 01, 1996. (p.15)



A comunidade cristã tem à sua disposição, elementos preciosos em termos de espaços e ritos que possuem uma riqueza de valor terapêutico. O aconselhamento individual deve encaminhar para o uso e a valorização desses elementos.

Ritos e espaços terapêuticos

A igreja é um espaço privilegiado de cura que inicia pela integração. Tem, em momentos litúrgicos celebrativos, forte expressão de acolhida, que é uma necessidade da família e da própria criança. Os sacramentos do Batismo e da Santa Ceia são, por excelência, sinais concretos de inclusão.

1. O **Batismo**, sacramento de inserção da criança na comunidade de fé, tem um papel muito importante no processo inclusivo. O ritual de batismo da Igreja Metodista expressa claramente isto. A criança é trazida diante da comunidade e o/a dirigente profere, entre outras, as seguintes palavras:

O batismo que esta criança recebe atesta a sua participação na eterna aliança de Deus como herdeira da graça divina. Os apóstolos frequentemente batizavam famílias inteiras, afirmando assim a natureza comunitária da fé cristã. De fato, o batismo é uma preciosa herança pela qual a igreja proclama a sua fundamental doutrina: a salvação pela graça. cremos que Cristo morreu por esta criança antes mesmo do seu nascimento. [...] O sinal da nossa redenção agora lhe será concedido antes mesmo que compreenda o significado do sacramento que celebramos. [...] (Ritual da Igreja Metodista, p. 38).

O Batismo cumpre uma função terapêutica para a família, a criança e a comunidade. O fato de estar diante da comunidade com seu bebê em condição completamente diferente do "usual", é um momento terapêutico; está ali não para receber um atendimento em função da necessidade da criança, mas, simplesmente, para trazer a criança para receber a Graça Divina, como qualquer outra. É na condição de criança, e não de deficiente, que ela é apresentada. Ao mesmo tempo, como não poderia deixar de ser, expõe o diferente. Assim como Jesus, obriga que a comunidade perceba esta presença, este diferente que é tão igual a todos e todas que já passaram pela mesma situação diante da pia batismal. Assim procedendo, a igreja está repetindo a atitude de Jesus de colocar a pessoa com deficiência no meio do grupo, provocando a percepção de sua realidade.

A Igreja precisa perceber a presença da **CcD** e saber que existem crianças que vivem esta realidade e que são tão filhas de Deus como qualquer de seus outros filhos e filhas "perfeitos". Para a criança, é a inserção numa comunidade na qual ela passa a viver e interagir. É um espaço em que pode estender sua relação de prazer e satisfação para além da relação com a mãe, e onde pode sentir-se amada e importante. Esta interação com um grupo aumenta seus laços de afetividade e propicia o crescimento em seu processo de autonomia.



Outro aspecto importante do batismo é que a comunidade é levada a se comprometer com a situação. Ao final do rito do batismo, os pais e testemunhas voltam-se para a congregação, e o dirigente faz a afirmação de que pelo Batismo, a criança é recebida como membro do Corpo de Cristo e está, portanto, sob o amor e cuidado de toda a comunidade. E a congregação responde, assumindo o seguinte compromisso:

“Faremos tudo quanto estiver em nossas forças para sermos diante dela testemunhas fiéis, a fim de que não somente ela, mas todas as crianças que participam do nosso convívio cresçam no conhecimento e na graça de nosso Senhor Jesus Cristo, e posteriormente confirmem a sua fé nele” (Ritual da Igreja Metodista, p 39.).

2. A **Santa Ceia**, sacramento, profundamente, comunitário e repleto de significados para a vida dos/as cristãos e cristãs pode ser, tremendamente, terapêutico para a mulher-mãe de uma criança com diferenças, assim como para toda família.

No ato da Ceia, Jesus está presente de maneira especial, independente da discussão teológica sobre a forma como se manifesta esta presença.

(...) o sinal de que a Aliança está feita e a luta continua, o importante é: Deus está conosco. Jesus está presente. Este é o grande anúncio da Nova Aliança na experiência da comunhão do corpo e do sangue de Jesus. Símbolo da Nova Aliança, a presença de Jesus é atualizada e sublinhada.³

Neste momento, dá-se o encontro com o divino que renova a Sua aliança com os seus, em meio a este mundo conturbado de lutas e buscas e experiências de solidão e desamparo.

A Ceia tem um caráter inclusivo. É uma celebração comunitária na sua plenitude. A Ceia do Senhor é um momento profundamente amplo, fraterno e de comunhão (Carta Pastoral do Colégio Episcopal sobre a Ceia do Senhor, p. 8). Ao ser uma comunhão com Deus em Jesus Cristo, é a comunhão de irmãos e irmãs, onde as segregações e a indiferença não têm lugar. Para a mãe e a família da criança com deficiência, este sacramento pode ter uma ação transformadora da sua realidade nos seguintes sentidos:

- ✓ É o encontro onde a fé converte-se em força e garra. Pode-se dizer que há um empoderamento, no sentido de poder, não como forma de dominação ou de reconhecimento forçado, mas enquanto força que produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso, força transformadora da realidade.
- ✓ À mesa da comunhão, as pessoas envolvidas com a **CcD** estão diante de Deus e da comunidade na condição de pessoa, filha e filho de Deus que traz todas as marcas desta sua condição numa sociedade que discrimina e exclui. Elas fazem parte daquele grupo que é composto por outras tantas pessoas que também trazem suas marcas e dores, mas diante de Deus são recebidas em igualdade de condições. Elas

³ Carta Pastoral do Colégio Episcopal sobre a Ceia do Senhor, p. 15.



podem participar da mesa com seu filho, sua filha e senti-lo/a integrante da comunidade.

3. O abraço da paz também é um momento muito acolhedor e confortante. Para a **CcD**, o processo de inclusão se dá na medida em que a família a expõe e permite que ela faça parte de um grupo social, no qual também a própria família se inclua.

A solidariedade e a fé que fazem parte da celebração e o compromisso são componentes fundamentais para que uma comunidade seja terapêutica. No entanto, uma comunidade terapêutica não pode ser somente solidária e celebrativa, tem que comprometer-se com as famílias das CcD. Mais que chorar ou se alegrar junto, o que já contribui muito para a qualidade de vida destas pessoas, é preciso ser uma comunidade inclusiva - acolher e integrar todas as crianças e suas famílias.

O compromisso tem que ser com a pessoa que está no seu meio, contribuindo para que sua dignidade seja preservada e seus recursos supridos para melhorar a sua qualidade de vida. Porém, tem que extrapolar os limites enquanto igreja, no sentido de conscientizar-se e lutar para que os direitos da pessoa humana (sendo ou não PcDs) sejam respeitados na sociedade. É importante a participação da comunidade em campanhas de prevenção das deficiências, a busca de conhecimento dos fatores que as causam, bem como, participação em movimentos para garantir os direitos das CcDs a uma vida digna e plena na família, na igreja e na sociedade.

Referências Bibliográficas

COLÉGIO EPISCOPAL DA IGREJA METODISTA. *Carta Pastoral Do Colégio Episcopal Sobre a Ceia do Senhor*. São Paulo: Imprensa Metodista, Biblioteca Vida e Missão: Pastorais-nº 2, 1996.

_____. *Plano para a Vida e a Missão da Igreja*. São Paulo: Imprensa Metodista, Biblioteca Vida e Missão: Documento nº 01, 1996.

_____. *Ritual da Igreja Metodista*. São Paulo: Cedro, 2001.

GEBARA, Ivone. *Teologia em ritmo de mulher*. São Paulo: Paulinas, 1994.

KLAIBER, Walter e MARQUARDT, Manfred. *Viver a Graça de Deus: Um compêndio de Teologia Metodista*. São Paulo: Editeo, Cedro, 1999.

SCHNEIDER-HARPPRECHT, Cristoph (org). *Teologia Prática no contexto da América Latina*. São Leopoldo: Sinodal; ASTE, 1998.

Este texto é parte integrante da Revista Crescer 2015/2

Produzida pelo Departamento Nacional de Escola Dominical da Igreja Metodista